

A barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: uma leitura de saber e/ou fruição

Maria Teresa Gonçalves Pereira

UERJ



Gênero literário desenvolvido principalmente a partir do século XVII com a expansão dos serviços postais, a epistolografia se estabelece como um sucedâneo da oralidade, desempenhando, assim, relevantes funções comunicativas.

A correspondência constitui uma das formas mais antigas, legítimas e palpitantes de expressão do ser humano. Nas cartas, a vida explode, não se deixando camuflar; às vezes, patéticas, nos lembram da arte, da ficção. Desvelar a realidade humana é fascinante, embora a paixão estética também se torne elemento de atração. Há cartas consideradas verdadeiras obras de arte.

Cartas de escritores a amigos, parentes e amantes são comuns. Cartas de amor, então, existem várias. As centenas de cartas de Victor Hugo à noiva ficaram bastante conhecidas. Quem não ouviu falar das cartas de Abelardo e Heloísa ou de Sórora Mariana de Alcoforado, por exemplo?

O interesse “literário” das cartas depende de quem as redige. As de Byron se firmaram como modelos de estilo. As escritas por Proust mostram a mesma sutileza psicológica encontrada em *À la recherche du temps perdu* (1913-1927). As eróticas, de Joyce à mulher, despertaram interesse biográfico. Os volumes de correspondência de Flaubert são maiores do que sua produção original.

Concebem-se as cartas como um gênero ancilar da biografia, como as memórias e o diário. Quando, todavia, há um escritor na retaguarda, a atividade muda de perfil, revelando-se um gênero à parte. Há diálogos imortais à disposição dos interessados na epistolografia.

No Brasil, infelizmente, não se trata o passado com a reverência devida. As coisas do espírito, principalmente as mais antigas, merecem pouca atenção. Perdem-se documentos relevantes para a história da cultura brasileira por falta de interesse, cuidado e organização. Às vezes, se sonega a sua existência ao mundo.

O prazer das cartas decorre, em boa medida, da franqueza com que são escritas, da natural intimidade de que se cercam.

Nessas circunstâncias, Monteiro Lobato e Mário de Andrade, na literatura brasileira, representam o que há de

mais instigante. Liga-os apenas a contemporaneidade, já que pertencem a correntes literárias opostas. As cartas de ambos podem inspirar estudos diversos. Mário as redigiu, acalentado pelos ideais da modernidade, propositadamente deixando transparecer um certo “descompromisso” com uma escrita “artística”. As de Lobato, para muitos um escritor “acadêmico”, mostram tal espontaneidade, tal agudeza na análise de obras, autores e pessoas, tal envolvimento com o mundo das artes, que não diferem muito das de Andrade.

Detenho-me nas cartas de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, escritas de 1903 até 1948, pouco antes da sua morte. São setecentas e cinquenta e duas páginas em dois volumes, publicados sob o título de *A barca de Gleyre*. O escritor também manteve correspondência ativa com outras personalidades como, por exemplo, Lima Barreto.

Fábio Lucas observa:

quer-nos parecer que nelas se encontra o refúgio do incoercível impulso à escrita de Monteiro Lobato. Sua vida se constitui ao longo das cartas, como se a letra fosse a única forma de constituição do ser. (1982, p.50).

Homem de múltiplas facetas – advogado, empresário, fazendeiro, editor e “manipulador” eficiente das palavras, contista consagrado e, principalmente, gênio fundador da literatura infantil brasileira –, Lobato nos legou um admirável acervo de cartas para que nelas mergulhemos prazerosa e/ou cientificamente.

Em uma carta de 1904, aos vinte e dois anos, Lobato menciona um quadro de Charles Gleyre, chamado *Le Soir*, mudado pelo público para *Illusions Perdues*.

Mais tarde informa, em nota de pé de página, que “alterou” a disposição das figuras do quadro:

Eu também mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada. Traí o pobre Gleyre. Sua barca não vai entrando, vai saindo, como se deduz da direção do enfunamento das velas. (1956, tomo 1, p. 83).

O autor de *A barca de Gleyre* estava consciente do valor das cartas. Não lhe passava despercebida a vantagem de sua espontaneidade estilística.

A correspondência entre dois amigos, praticamente em torno de um mesmo e único assunto, com a duração de 40 anos, é merecedora de especial atenção. Se o fato é original, as conseqüências mais ainda. Edgard Cavalheiro, o principal biógrafo de Lobato, ressalta que:

ali estão as memórias de um homem, escritas sem ele saber, compostas sem planos prévios, realizadas com um máximo de fidelidade e isenção de ânimo. Sabemos como são falsas, duvidosas ou apaixonadas as histórias dos homens que se autobiografam. (*Ibid.*, p.136).

O tempo, normalmente tão impiedoso, não matou, muito menos suavizou, a força contida nas Cartas. As duas personalidades retratadas estão vivas em palavras. A de Rangel é tímida, conformada com o dia-a-dia numa cidadezinha do interior, satisfeito com a vida pessoal e profissional. A outra, a de Lobato, revela a eterna insatisfação, a atitude polêmica, a propensão à ação, em busca de vãos mais altos que lhe concretizassem os sonhos.

Aparentemente, esse contraste de personalidades, a interiorização e a exteriorização, jamais combinariam. O ponto de contato a uni-los, a ligação tão íntima, que sequer foi física, já que não se encontravam, deu-se na literatura. Ambos eram visceralmente literatos.

Para Edgard Cavalheiro, *A barca de Gleyre*:

além de espelho fiel de uma amizade rara, original e comovente, reflete a formação do espírito lobatiano, as inquietações espirituais, as preocupações artísticas e financeiras, as descobertas nos campos da estilística ou da filosofia, sua posição em suma, diante da arte e da vida. (*Ibid.*, p.141).

O tom inicial da *Barca* é otimista, cercado de deslumbramento: o encontro com autores e livros novos, as tentativas literárias, até as frustrações e os fracassos são tratados sob a ótica da esperança de glórias futuras. Ao afastar-se da vida literária – na luta pelo ferro e pelo petróleo – as cartas rareiam, percebem-se-lhe, inclusive, comentários mais amargos. Ao longo de mais de quarenta anos de correspondência, não poderia deixar de haver oscilações conceituais, entretanto, se mantém a paixão de escrever cartas. Notam-se mudanças, talvez sem a amplitude de horizontes dos primeiros anos.

Lobato reconhece, cheio de gratidão, que, sem Rangel e a correspondência, a instável chama da literatura se extinguiria, absorvida pelos negócios e suas conseqüências.

A publicação das Cartas, em 1944, o (re)conduz à literatura para adultos, da qual supunha ter-se afastado para sempre. A carta que lhe enviou o educador Anísio Teixeira, a propósito da *Barca*, deixou-o especialmente satisfeito.

Pude perceber, pelas primeiras cartas, que dificilmente me ateriam ao plano inicial de falar sobre língua e literatura na pesquisa. Desperdiçaria, assim, a oportunidade de considerar as idéias de Monteiro Lobato por ele mesmo, em suas origens, sem a maquiagem das biografias e dos artigos e/ou sem o polimento editorial das obras de ficção. A *Barca* registra com fidelidade os momentos em que as coisas aconteciam: sucessos, fracassos, angústias, esperanças, decepções, alegrias, dores.

A barca de Gleyre não esclarece totalmente quem é Monteiro Lobato, antes “põe lenha na fogueira”, restando aos admiradores o gosto de “quero mais”. A leitura não sacia a curiosidade, apenas a ameniza. Acena com possibilidades, inclui referências inusitadas, semeia dúvidas, revela contradições, derruba verdades, resgata incongruências, instaura, enfim, um instigante jogo intelectual. Se a intenção era chegar a uma conclusão, tal não aconteceu. As conclusões geraram mais perguntas, deflagraram questões em desdobramentos infinitos. O painel nunca se completa.

Romance de duas mentalidades, memórias, autobiografia, como poderíamos denominar a epistolografia lobatiana? Creio que são cartas, simplesmente cartas, dirigidas a um grande e querido amigo. Por acaso, são de Monteiro Lobato, trazendo em seu bojo a forte, polêmica e instigante personalidade que tudo iluminava, inclusive a atividade epistolográfica. As observações perspicazes, as anotações sentimentais, as críticas arrasadoras, o conjunto se potencializa por vir de Lobato que, originalmente, pretendia apenas escrever cartas a Godofredo Rangel para trocar notícias e falar sobre livros.

A barca de Gleyre, não sendo uma leitura definitiva, as reflexões advindas estimulam o leitor a um “eterno retorno”. O roteiro intelectual e afetivo de Lobato encontra ali seu retrato vivo. Transformado a cada leitura, assemelha-se a um caleidoscópio que permite diferentes combinações e novas descobertas (estéticas), sempre fascinantes.

Recupera, sem modificações significativas, a linguagem da série infantil, fio condutor da dissertação de Mestrado *Processos expressivos da literatura infantil de Monteiro Lobato*, na PUC-Rio, em 1980. Não se trata de linguagem ficcional, construída artificialmente para uma obra. É a linguagem de Lobato, nos neologismos, nas alianças desusadas, nas imagens instigantes do cotidiano, nas sintaxes peculiares, no léxico variado, a serviço de uma linguagem brasileira, de um estilo arraigado no ambiente, no “terrinho”, marcadamente nacionalista. A expressão aparentemente simples mascara a consistência do conteúdo.

A transferência dos processos da oralidade para a linguagem escrita revelou-se um dos sucessos da prosa lobatiana, que ganha viveza e naturalidade, envolvendo o leitor e aproximando-o do autor. As Cartas refletem tal tendência.

Cobrando quarenta anos de correspondência com Godofredo Rangel, Monteiro Lobato exprimiu a evolução de seu espírito – com contradições e mudanças de opinião como qualquer mortal. Coloquiais e espontâneas, inicialmente não destinadas ao público, as Cartas não abrigam um propósito doutrinário, muito menos apresentam um pensamento sistemático. Para Lucas (1983), há, entretanto, um magistério sobre a natureza da obra literária, com sua forma peculiar de avaliar o produto artístico. A gênese do pensamento lobatiano aí se encontra.

Ao abordar *A barca de Gleyre* para fins acadêmicos, convinha dar-lhe estrutura apropriada, entretanto, o principal objetivo da pesquisa era que Lobato “falasse” pelas Cartas, era ouvir sua voz, incentivando a ação imediata de se “ir” ao livro e de lá “morar” para (re)conhecer um grande brasileiro, além do que revela o senso comum.

Monteiro Lobato deixa entrever o seu “estar no mundo” nas Cartas. Isso já se constitui motivo suficiente para uma leitura que faz pensar, que enriquece, que emociona, que sensibiliza; tudo o mais – e o mais é extraordinário – recomenda a obra ao leitor inteligente; o juízo de valor da adjetivação fica por conta da influência do escritor.

Cassiano Nunes (1998), em artigo na *Folha de São Paulo*, observa que as cartas de Monteiro Lobato pertencem ao patrimônio cultural e espiritual do Brasil.

Referências

- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo I e II. 2.ed. revista e aumentada. São Paulo: Nacional, 1956.
- LUCAS, Fábio. O Mundo das Cartas de Monteiro Lobato. In: *Letras de Hoje – Monteiro Lobato: edição comemorativa do centenário de nascimento – Porto Alegre, PUCRS, n. 49, set. 1982.*
- LUCAS, Fábio. A escrita, a crítica e a estética nas cartas de Monteiro Lobato. In: *Atualidade de Monteiro Lobato*. São Paulo: Mercado Aberto, 1983.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1955. Tomo I e II.
- NUNES, Cassiano. Um visionário na intimidade. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1998. Caderno Mais!
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Processos expressivos da literatura infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1980.